

“QUEM MATA POR AMOR MORRE TAMBÉM PSIQUICAMENTE E QUEM RESPONDE POR ESSA MORTE?”

Cláudia Regina PARRA*¹

Carlos Roberto PARRA*²

RESUMO: O objetivo do presente artigo é fazer reflexões sobre os caminhos que conduzem uma pessoa aparentemente sem problemas emocionais, sociais e econômicos graves dar cabo a vida de alguém por quem expressava em momento anterior ter grande afeto. O fato de não resistir a frustração e permitir que um sentimento agradável, aceitável socialmente, se avolume, saia do aprisionamento psíquico e se transforme em amarga repugnância, e, finalmente, em ato criminoso, sempre suscitou a curiosidade de todos e conseqüentemente foi objeto de intermináveis discussões. Diferentes enfoques, são dados, pelos profissionais que se habilitam a discutir o tema, uma vez que envolve não somente o agente violento do crime e sua condição psicossocial, como também posições ideológicas pessoais daqueles que opinam. A Criminologia, ao explicar o comportamento criminal se utiliza basicamente de três grandes grupos de modelos teóricos, a saber: biológico, psicológico e, sociológico. Aqui abordamos aspectos jurídicos, psicológicos e educacionais, que envolvem o autor da conduta delitativa, levantamos hipóteses sobre a participação efetiva do educador no processo de ensinar, o seu compromisso com os quatro pilares da Educação: o “aprender a conhecer, aprender a

*¹ Bacharel em Direito, docente de Psicologia no Curso de Ciências Contábeis –CESD (Centro de Ensino Superior de Dracena), docente no Curso de Psicologia-UNIFADRA (Faculdades de Dracena) mestre em Educação – UNOESTE (Presidente Prudente) 2008. Psicóloga, tel 18 3821 1653, e-mail:claudiaparra@uol.com.br

*² Discente de Direito- CESD (Centro de Ensino Superior de Dracena).Estudante, empresário, tel. 18 3821 32 42, e-mail:carlos_parra@uol.com.br

fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser”, e sua importância no contexto sócio-educacional e psíquico do educando em todas os momentos escolares que envolvem a construção do saber.

Palavras-chave: Educação; Educador reflexivo; Cidadania; Culpa; Crime; Homicídio; Legítima defesa da honra.

ABSTRACT: The purpose of this is to reflect about the paths that conduct a person apparently without emotional, social and economic problems, that give life to someone who at the time expressed to have great affection.. The fact of not resisting frustration and allowing an agreeable feeling, socially acceptable, to leave the psychiatric imprisonment and transforming to a bitter disgust and finally to a criminal offense, that always arouses the curiosity of everyone and consequently the subject of endless discussions. Different approaches, are involved by professionals who are entitled to discuss the issue, since it involves not only the agent of violent crime and their psychosocial condition, but also the personal ideological positions of those who opine. The Criminology, to explain the criminal behavior which is used primarily in three major groups of theoretical models, namely: biological, psychological and sociological. Here they address legal, psychological and educational, involving the author of the criminal conduct, and the assumptions about the effective participation of the educator in the process of teaching, his commitment to the four pillars of education: the “learning to know, learning to do, learning to live together and learning to be”. And its importance in the socio educational and mental part of educating students all the time using the construction of knowledge.

Key-words: Education; Reflective-educator; Citizenship; Guilt; Crime; Murder; Legitimate defense of honour.

1 INTRODUÇÃO

As mídias de comunicação de massa, jornais, internet, televisão e rádio mostram atos de violência dos quais, as mais deferentes classes sociais têm sido vítimas e o que nos surpreende nos últimos anos é constatar que, tais atos já não são praticados apenas por pessoas marginalizadas como em tempos mais remotos. É comum observar que atos de violência estão sendo protagonizados por pessoas bem sucedidas, instruídas que, aparentemente, em primeira análise, não teriam motivos para estarem envolvidos em uma agressão tão primitiva como MATAR.

Casos que abordam o tema, MORTE POR AMOR, como do jornalista Antônio Marcos Pimenta Neves, condenado pelo assassinato da namorada, também jornalista Sandra Gomide, a outra namorada a advogada Carla Cepollina que foi indiciada pela morte do coronel Ubiratan Guimarães, a filha, Suzane von Richthofen condenada em primeira instância pela morte dos seus pais, entre outros, tem ocupado as manchetes e provocado, na população grande perplexidade. É sabido que se trata de uma inverdade os motivos que, freqüentemente são elencados pelos algozes praticantes dos delitos ao afirmarem que mataram em nome do amor à religião, amor a outra pessoa, etc.

Esses tristes episódios que nascem, primeiramente, no pensamento para depois se materializarem, além de causar indignação, remetem ainda, a pelo menos duas grandes indagações:

A primeira, sobre como se processa este desejo na mente humana, os caminhos que percorrem até se avolumarem e escapar do aprisionamento psíquico do pensamento e se transformar em ação; o segundo,

sobre a formação educacional que teve o autor da conduta delitiva repugnante, este sim, será o objeto desta reflexão.

A participação dos educadores, na sociedade contemporânea, é uma realidade, portanto na vida pregressa do autor do comportamento criminoso, em algum momento, um educador esteve presente.

As inquietações são: há alguma parcela de culpa do educador, se sim, qual é o grau de culpabilidade? O que pode ser feito para que tais práticas aviltantes em nome do amor caíam no mais absoluto desuso?

Respostas precisas, absolutas ou científicas são difíceis de alcançar, pois com as ciências humanas não se pode falar em precisão, além do que, as variáveis que afetam o comportamento humano se diferenciam de caso a caso. Porém, não podemos deixar de lembrar que algumas práticas educacionais e sociais do cotidiano, já no passado, sinalizavam veementemente que os riscos eram incalculáveis. Que práticas são essas?

Na atualidade, a Educação, tem sido revestida cada vez mais de uma roupagem tecnicista, que prioriza o acúmulo de conhecimento, a competição acirrada, a busca do sucesso. Este enfoque, lamentavelmente, tem provocado uma desestruturação freqüente do ser humano que, por sua vez, se reflete na realidade violenta de nossa sociedade, nossa comunidade. As famílias estão confusas, inseguras nos valores que deveriam estar transmitindo, preocupadas em serem tachadas de piegas, ultrapassadas. Os valores morais, éticos e religiosos de cada núcleo familiar então, passam a ser descartáveis, vulneráveis.

E assim, os caminhos para a violência vão ficando abertos, livres, e esta atrevida prática, sem pedir licença a ninguém, cresce em passos galopantes e, rapidamente, se instala na família, na escola, nos clubes, nos bares, enfim nos ambientes sociais que deveriam estar salvaguardados destas influências.

Incontestáveis são as situações de intolerância, frieza, transgressão a ética e a moral. As crianças e jovens estão perdidos porque os

adultos, também perderam o rumo, sem saber para onde ir. É como se a tênue linha divisória entre o bem e o mal, entre o certo e o errado estivesse se apagando. Os mocinhos das novelas estão se tornando chatos insípidos aos olhos do público, enquanto que os vilões começam a ser considerados os grandes sedutores das tramas românticas.

Então se volta para as influências ambientais, familiares, culpa-se o *stress* do cotidiano, a má influência da mídia, as más companhias, drogas, pobreza, imoralidade, etc.

Elabora-se uma lista de causas e vai-se excluindo por critério eliminatório, se o indivíduo em questão teve uma “boa formação familiar,” freqüentou “boas escolas,” volta-se à investigação para as influências mais além, diríamos subseqüentes como: drogas, companhias, mídia, etc.

Assim, alguns educadores confortavelmente, continuam em seu mundinho politicamente correto como se não tivessem nenhuma contribuição a fazer, caminham provocando em seus novos aprendizes a possibilidade de no futuro diante de uma frustração serem vítimas de uma morte psíquica para a qual não foram sequer alertados, quanto mais provocados a pensar.

Para melhor compreender a participação do educador se faz necessário recorrer a alguns autores na expectativa de refletir práticas eficazes que poderão contribuir com caminhos possíveis para a busca de solução.

2 DISCUSSÃO TEÓRICA DO TEMA

Alguns casos amplamente divulgados pela imprensa podem contribuir para melhor esclarecer esta proposta reflexiva, faz-se necessário aqui esclarecer que tais fatos não terão por pretensão caráter julgador.

A Tese da “Legítima defesa da honra” ficou famosa quando usada pelo eminente jurista –Evandro Lins e Silva- em defesa de seu cliente, Raul Fernandes do Amaral Street, o famoso Doca Street, quando então julgado

pela morte de sua companheira Ângela Diniz ocorrida em Búzios (RJ), às seis da tarde do dia 30 de dezembro de 1976. Depois de uma discussão acalorada, motivada por ciúmes, Doca Street, matou com quatro tiros a chamada “Pantera de Minas” -Ângela Diniz, uma mulher da alta sociedade -numa casa de praia, em Búzios, Doca tinha na época 42 anos, Ângela 32, dois jovens bonitos, famosos, educados, enfim, esclarecidos, a morte à queima roupa não fazia parte da rotina de ambos.

O crime deixou de ser um caso policial e virou símbolo da luta pelo fim da violência contra as mulheres. Uma palavra de ordem correu o país: “quem ama não mata!”.

Ironicamente, Doca, atualmente com 72 anos de idade, voltou à cena, recentemente, para anunciar em rede televisa nacional que pretende militar em defesa das mulheres que sofrem qualquer tipo de violência, causando mais uma vez polêmica na opinião pública.

A mãe de Ângela, na época, fez a célebre pergunta a Doca:

-Por que o senhor não morreu por amor?

A indagação propunha uma pequena alteração no tempo verbal da ação “matar” e uma mudança por completo no sentido do ato homicida.

Doca, hoje se diz arrependido, ao ser perguntado com que frequência se recorda do fatídico episódio, foi previsível ao responder que a todo o momento, pois diariamente, lhe vem à lembrança daquela tragédia, deixando claro que, “psiquicamente,” não conseguiu ainda cumprir sua pena.

O professor, Paulo Amaral em seu site na internet¹, ao abordar o assunto “matar por amor” recorre a história de Spartacus, um gladiador ocorrida na Roma antiga. O personagem épico, morto em 71 a.C. foi representado no cinema pelo menos duas vezes a primeira em 1960 por Kirk Douglas e a segunda por Goran Visnjic em 2004.

Conta a história que certo dia, Spartacus conseguiu se libertar do cativo Coliseu Romano, que tinha, Caius Július César, como imperador, fugiu juntamente com ele outros escravos para a distante região do Monte

Vesúvio. Aos poucos, os escravos que logravam êxito na tentativa de escapar ao jugo dos romanos iam se juntando ao grupo. Com o passar do tempo, Spartacus tinha um verdadeiro exército sob sua liderança. Treinava seus homens diariamente, guerreava, ganhava batalhas, alimentando sempre o sonho de um dia derrotar Roma.

Spartacus casou-se com quarenta anos, com a bela Varínia, também escrava foragida e demorou em ter filhos. Nesse período, um jovem cantor (por volta de seus vinte anos), órfão, com alta sensibilidade artística, chamado Antonino, juntou-se ao grupo, pretendendo tornar-se guerreiro.

O líder, Spartacus, recusou-se veementemente a treinar o jovem que insistira em ser um guerreiro. Sua recusa se sustentava na tese de que, o grupo precisava sim de guerreiros, mas também de um artista que levasse um pouco de alegria aos seus seguidores. Portanto, Antonino insistiu e Spartacus acabou cedendo e viu nascer um habilidoso lutador.

Ambos deixaram florescer ainda uma forte afetividade até porque se um não tinha família o outro não tinha filhos.

Não demorou muito para que o sonho distante se transformasse em realidade, era chegada a hora. O exército comandado por Spartacus marchou firme para guerrear com a temida Roma.

A companhia de “guerreiros ex-escravos,” durante dois anos, lutou heroicamente, mas não conseguiu derrotar as forças da invencível Roma. Em 71 A.C., no local conhecido como Reggio di Calabria, o exército espartano foi cercado pelas forças militares do comandante romano, Marcus Licinius Crassus, que eram infinitamente superiores. Os prisioneiros sobreviventes só tinham um destino: morrer na cruz, a mais cruel e humilhante de todas as mortes.

Antes disso, porém, os romanos tiveram um requinte de crueldade. Dentre os sobreviventes, estavam Spartacus e Antonino. Foram colocados na Arena para uma luta mortal entre si. O vencedor morreria na cruz. Se recusassem o combate, a cruz seria o destino de ambos.

Antonino, tomado de horror pela idéia de que seu pai adotivo morresse na cruz, avançou ferozmente contra ele, de espada em punho. Spartacus, tomado pelo mesmo horror com relação ao rapaz, defendeu-se. O velho gladiador era ainda imbatível e sagrou-se vencedor no combate, cravando sua espada no coração do jovem.

As últimas palavras de Antonino foram: “Eu te amo Spartacus, como o pai que nunca tive”. E a resposta do mestre: “Também te amo Antonino, como o filho que jamais conhecerei” e assim Spartacus matou Antonino por amor.

Matou também centenas de romanos, em combate, por amor a seu povo, ao ideal de liberdade, a luta de classes sociais, onde oprimido se opõe corajosamente ao opressor. Nunca foi necessário recorrer à tese duvidosa tese da “legítima defesa da honra”.

Atualmente, no séc. XXI, temos visto várias “mortes por amor”, fundamentadas neste argumento que nada tem a ver com honra, nem com defesa, pois a vítima quase sempre é pega a traição.

Uma outra morte também provocada em nome do amor que chocou o país foi a que teve como protagonistas uma bonita universitária das ciências jurídicas, Suzane von Richthofen e os irmãos Cravinhos, que impiedosamente mataram os pais dela. Em seu primeiro depoimento, amplamente divulgado pela imprensa nacional e internacional a jovem acadêmica, acusada de ser a autora intelectual do delito, afirmava que “matou por amor ao namorado”, tese que não resistiu até seu depoimento em juízo, tal qual seu intenso amor.

Não obstante a morte dos pais com requintes de crueldade planejados milimetricamente a jovem tem provocado a perplexidade da população pela sua frieza, ausência de indícios de arrependimento e outros sentimentos que seriam inerentes ao ser humano diante do fato definitivo de suprir “a vida” daqueles que lhe a proporcionaram.

São inevitáveis os questionamentos: “Essa jovem é saudável

psicologicamente”? “O que leva de fato uma pessoa matar os próprios pais”? Existe vida para ela depois de um fato dessa magnitude?

Interessante notar que ao se fazer um paralelo ao mundo animal, observa-se que este fato, naquele universo tão precário, não acontece. Ali, ao contrário, eles exercitam o instinto de “preservação da espécie”.

Lamentavelmente, a sociedade “civilizada” tem sido exaustivamente testemunha de histórias como a citada, não é em vão que o caso da jovem parricida inspirou uma adolescente de 12 anos na cidade de Franca /SP a se livrar da mesma forma dos pais que “a importunavam,”, entretanto, com menos recurso e menor potencial ofensivo, a infante não obteve êxito em sua empreitada e, portanto, o resultado desejado ficou relegado a “apenas tentativa de homicídio”.

A jovem paulistana mesmo sem planejar tem feito escola, não é em vão, pois é bonita, classe média alta, se expressa com um português invejável, recebeu educação pedagógica nas melhores escolas, fala três idiomas, conhece vários países, teve acesso à informação das mais diferentes formas, enfim é uma pessoa sedutora, desperta fascínio, sobretudo, tais atributos sucumbiram diante do desejo de agir de forma bárbara, repugnante, aviltante e impiedosa.

Não se pretende aqui focar o grau de culpabilidade da homicida confessa, já que o crime está sendo julgado nas esferas judiciais competentes para fazê-lo, nem tampouco traçar o perfil psicológico da estudante, visto que isso seria também mera especulação, pois o fato de não conhecê-la pessoalmente por si só já seria uma excludente, mas gostaríamos de levantar alguns pontos sobre os aspectos educacionais do fato.

O filósofo, sociólogo alemão, Theodor Adorno, já no século passado, dizia que era preciso educar contra a barbárie.

[...] se as pessoas não fossem profundamente indiferentes em relação ao que acontece com todas as outras, excetuando o punhado com que mantém vínculos estreitos e possivelmente

por intermédio de alguns interesses concretos, então Auschwitz não teria sido possível, as pessoas não o teriam aceitado. (ADORNO, 1995, p. 119 e 134).

A Alemanha após Auschwitz “fechou para balanço”, fez uma revisão em seu sistema educacional e na última Copa do Mundo de Futebol em 2006 pudemos assistir uma Alemanha afetiva, sorridente, mostrando ao mundo sua preocupação com a “alma coletiva”.

Pensando nisso, pode-se entender que para os casos como os já citados, os educadores, precisam estar mais atentos, pois não há como se eles furtarem da participação efetiva, construtiva, transformadora de seus educandos, além do que são nítidas as dificuldades que se evidencia em aprender com o passado se este momento não for provocado.

Senge (1999) em seu livro “A quinta disciplina” comenta que aprender e ensinar são dois lados da mesma moeda, que o ser humano vem ao mundo motivado a aprender, a explorar e a experimentar. Infelizmente, a maioria dos educadores, sejam eles pais ou professores de nossa sociedade acabam praticando mais o controlar do que o ensinar, recompensando o desempenho das pessoas em função da sua obediência a padrões estabelecidos e não por seu desejo de aprender.

Os avanços do mundo moderno conduzem a humanidade, a cada dia mais, a buscar o processo de individuação, uma vez que, o mercado insiste em nos informar que só vence quem for o melhor entre seus pares. A competição não é mais tida como uma idéia perturbadora, mas sim como uma prática rotineira e porque não dizer obrigatória de nossa sociedade, assim a violência que chega de forma mansinha, quase invisível vai se instalando em nosso cotidiano como fruto do progresso, do desenvolvimento.

É fato que não se pode alienar e dar as costas para os avanços do cotidiano, mas, por outro lado, observa-se, por exemplo, jovens insaciáveis, infelizes que buscam auto-realização no limite, no extremo e perigoso, no comportamento desregrado.

Culpar os pais, as escolas, o acesso à informação, a acirrada competição no mercado de trabalho ou qualquer outra instituição como algoz daquilo que temos visto seria precipitado e imaturo.

Os jovens não só praticam a violência como também são vítimas dela. Uma pesquisa da Unesco, intitulada “Mapa da Violência – Os Jovens do Brasil”, traz dados preocupantes a esse respeito: mais de 24 mil jovens, entre 15 e 24 anos, morreram no Brasil somente no ano de 1996. As causas: acidentes de trânsito, homicídios ou suicídios. Assassinados foram mais de 15 mil.

Isso evidencia que “os adultos” em geral, estão falhando em algum lugar na formação adequada do caráter deles. Quem são esses adultos? Pais? Professores? Sociedade? Diríamos que todos indistintamente, isto é todos aqueles que podem ser parceiros no sucesso de alguém podem também serem co-responsáveis pelo fracasso.

Essas práticas que num passado não muito distante aparentemente só aconteciam longe da Academia Universitária estão cada vez mais se evidenciando dentro ou perto dela. Isso remete a indagação:

Que profissionais estão sendo formados? Há um verdadeiro comprometimento com a ética? Com a moral?

Os conceitos de liberdade, respeito ao outro, limites, juntamente com a conduta ética, moral, deveriam estar sempre muito claros e presentes nas práticas educacionais, do contrário corre-se o risco que tais valores em breve sejam considerados “letra morta” onde os costumes vigentes passam a se fortalecer de tal forma, que começam ser consideradas normas. Aí, neste caso, evidentemente, o compromisso dos educadores com a ética, com a moral e com o ensinar passarão a ser de ineficaz aplicabilidade .

A psicanálise ajuda-nos a compreender alguns comportamentos manifestos pelos praticantes de tais atos, através de teorias elaboradas por Sigmund Freud (1856-1939), que recorreu à mitologia grega para explicar, por exemplo, os processos inconscientes, porque as pessoas sentem

o desejo de matar quando se frustram.

A mesma teoria tão minuciosamente estudada pelo médico neurologista judeu, que evidencia o desejo como fonte impulsionadora da ação, também alerta sobre a importância destes serem controlados, contidos. A compreensão da dimensão que o desejo pode representar numa ação, neste caso significa a libertação, mas não necessariamente a realização do pensamento encoberto.

Os educadores nas mais diferentes esferas sejam no ensino fundamental, médio ou universitário devem estar provocando uma reflexão daquilo que pode permanecer e transformar a sociedade, que são **as idéias**.

Vive-se num mecanismo tão incorporado de imediatismo, que a “espera” passa a ser vista como atitude do passado, não há tempo para contemplar, meditar, refletir e até para pensar.

Enquanto a preocupação for o aqui e agora, nossos olhos verão a barbárie imperando, e sem dúvida, ela encontrará seus seguidores. Vai-se continuando quieto, como se nada estivesse acontecendo ou ainda como se nada pudesse ser feito.

Em nossa cidade, que esta localizada numa região com um grande número de presídios, é comum ouvir professores universitários afirmarem que um dos fatores que contribuem para a criminalidade que aparentemente é maior que em momentos do passado é a presença dos presídios, como se a ausência deles pudesse modificar o quadro de violência que impera em nosso país, nosso mundo e na própria natureza humana.

Ora, um argumento dessa estirpe é pelo menos fragmentado, frágil, a qualquer controvérsia um pouco mais estruturada e reflexiva e pode ser facilmente desmoronado, pois tais assertivas seguramente, não levam em conta o crescimento demográfico, os dados estatísticos do número de crimes cometidos em relação ao crescimento populacional, etc.

Não se pretende aqui, discutir os motivos das atrocidades em nosso dia-a-dia, nem tampouco que os resquícios do mundo moderno como: o

capitalismo, a competição, a individualidade, a sede do poder, do ter, entre outras banalidades, não são assuntos próprios para os educadores, mas seguramente se os “homens de bem” não assumirem seu compromisso na construção de uma sociedade mais consciente, mais madura, ficará cada vez mais utópica a ÉTICA, a MORAL, o AMOR, podendo num futuro próximo ser relegado a devaneios de uma mentalidade infantil. Isto está distante?

De maneira geral, considera-se constrangedor falar de esperança, da afetividade, da compreensão, mas a cada dia mais se tem visto as pessoas deixam cair suas armaduras e mostrarem sua imensa necessidade de se sentirem acolhidas.

A Universidade além de uma instituição onde se transmite o saber sistematizado é também um local onde se deve praticar o acolhimento, pois sem acolhimento não há prazer, e sem prazer não há como aprender.

Se os educadores universitários estiverem, diariamente, sensíveis às atrocidades que se cometem no cotidiano e atentos ao papel que desempenham na construção do saber pode-se sim ensinar uma leitura diferente daquela, por exemplo, que a jovem estudante de direito que matou os pais fez: “família tem prazo de validade”.

Do contrário que cidadão teremos amanhã? Que profissionais? Que governantes? Que legisladores? Que julgadores? Que professores?

Aprender é prazeroso, é saboroso, pode e deve ser divertido, mas requer esforço, supõe privações, frustrações, enfim dificuldades que se inserem num processo onde a conquista está vinculada a escolhas conscientes. Para adquirir algo significativo, é preciso renunciar a diversos prazeres que na maioria das vezes são efêmeros e disso os educadores, entendem até por já terem passado por esse processo .

Mais do que nunca é preciso que a Escola e a Sociedade caminhem juntas em busca de seu mais precioso bem: O SER HUMANO.

Afinal, que SER HUMANO está sendo construído na presente atualidade?

O livro de Eclesiastes, no capítulo 3, das Escrituras Sagradas, cita que para tudo há um tempo determinado na terra, há tempo para todo o propósito debaixo do céu, ousou dizer que agora é chegado o tempo de refletir sobre os caminhos da humanidade e o que pode ser feito para que vivamos num mundo melhor.

Na atualidade várias propostas estão sendo feitas no sentido de buscar valores através da Educação, uma das mais recentes é a Educação Interdimensional, que propõe um esforço de superação da tradição da educação logocêntrica – centrada na razão (logos). Em vez de ter como base as disciplinas do logos, a educação interdimensional, trabalha o educando, tendo em conta seus sentimentos (Pathos), sua corporeidade (Eros), sua espiritualidade (Mythus) e sua razão (Logos).

A Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI em 2003, em seu relatório para a UNESCO “Educação: um tesouro a descobrir” (Delors et al., 1996) e também publicado na revista Ensino Superior em Fevereiro/2008, aponta os quatro pilares propostos por Delors como o grande desafio para os educadores do futuro, vejamos ao que se refere:

Aprender a conhecer, o mesmo que aprender a aprender, para se beneficiar das oportunidades oferecidas. Aprender a fazer, tornar as pessoas aptas a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipe, não somente uma qualificação profissional. Aprender a viver juntos, desenvolver a compreensão do outro e a percepção das interdependências, realizar projetos comuns, nos valores do pluralismo e da compreensão mútua de paz. Aprender a ser, desenvolver sua personalidade, maior capacidade, responsabilidade pessoal.

A educação do séc. XXI precisa exercitar mais essa prática sugerida no relatório, precisa se comprometer mais com essa prática, e isso deve se iniciar com os educadores, evidentemente.

Matar, a história insiste em revelar, não resolve conflitos, a violência é uma resposta de um cotidiano que não sabe lidar com frustrações,

que não consegue refletir, os educadores sabem disso, se tais verdades estão adormecidas em seus pensamentos, elas precisam ser despertadas para provocar transformações no ambiente escolar.

Aos educadores compete o ensinar e, ensinar traz satisfação, aos acadêmicos o aprender. Se não houver quem ensine, como aprenderão?

Se os jovens afoitos, ansiosos, cheios de vitalidade não aprenderem que quem ama não mata, que qualquer tipo de violência deve ser combatida veementemente sim, mas com palavras, argumentos e discussões, continuarão a matar em nome do amor, por impulsos, por frustrações, enfim por qualquer motivo torpe.

É preciso que os educadores ensinem os seus educandos a pensar, pois jovens viris, alegres, cheios de vida, podem também ser “adultos reflexivos”. Do contrário, os professores estarão contribuindo para a construção de “acadêmicos prisioneiros” de um sistema psíquico impiedoso, solitário, onde seu algoz jamais será sequer citado, quanto mais denunciado.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O assunto em epígrafe é complexo pela sua essência; nele detectamos fatos, opiniões, motivações, sentimentos, por essa razão, a pretensão de elucidá-lo não é objeto desta reflexão, mas sem dúvida alguma a sua prática deve estar inserida no cotidiano do professor sob pena da sua omissão ou descuido ser tipificada como negligência.

A Educação Interdimensional e o relatório da UNESCO encontram respaldo no panorama atual, pois são práticas reflexivas, voltadas às manifestações afetivas dos nossos educandos, propõe uma educação participativa, consciente e madura nas mais diferentes esferas da construção do saber acadêmico.

Ao se deparar com o jovem adulto contestador evidencia-se

uma confirmação que o tempo chegou, um tempo de construção digna, responsável e integradora das diversas dimensões do humano, mas é preciso mais que uma teoria, que uma opinião, é preciso coragem para viver o que se ensina e ainda mais, para manter acesa a chama do desejo de estar sempre aprendendo.

Quem sabe assim pode-se vivenciar ainda neste século, menos competição acirrada e mais cooperação mútua, menos dor e mais prazer, menos destruição e mais construção, menos ódio e mais amor, enfim, menos morte e mais vida.

Não há como separar a prática aviltante de alguém de seu contexto social, familiar, psíquico e pedagógico, todos aqueles que se propuseram, que se envolveram com a missão de cuidar do outro e passaram pela vida desse alguém é de alguma forma responsável pelo bem e pelo mal que vem sendo praticado.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

AMARAL, P. Disponível em: <<http://www.amaral.adv.br/textomes.htm>>. Acesso em: 02 out. 2006.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

SENGE, P. **A quinta disciplina**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999. Rede Globo. Reportagem exibida no Programa Fantástico. Disponível em <<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/Fantastico/0,,AA12605454005.00.html>> . Acesso em: 02 out. 2006.

WERTHEIN, J. Disponível no site: Disponível em: <<http://ww.unesco.org.br/noticias/opiniao/Artigow/1999>>

WIKIPÉDIA. Portugal. Disponível em: <<http://www.pt.wikipedia.org>>
Acesso em: 02 out. 2006.

